

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Zecarlos Gomes, drag Sheila Muller

Quem é?

Zecarlos Gomes é educador, ator, palhaço. Desde 2010 também é drag queen: Sheila Muller é o nome que lhe gerou reconhecimento e pelo qual muitos lhe conhecem. Entendendo a drag queen como uma manifestação artística e uma forma de resistência, idealizou o primeiro curso de formação para drag queens do Brasil, o Drag Queen Curso, que explora a criação artística das personagens das drag queens a partir da experiência pessoal de cada um.

Responsáveis Pelo Entrevista

Jaime Solares Carmona, acervo Repep, no dia 10 de outubro de 2016

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Jaime: Oi, é o Jaime, voluntário da REPEP. Eu vou entrevistar o Zé Carlos Gomes. Você pode permitir a gravação?

Sheila Muller: Zé Carlos Gomes.

J: Você permite a gravação dessa entrevista?

SM: Sim.

J: A REPEP é um grupo de trabalho, ligado ao IPHAN e a USP e a gente está estudando como é que as mudanças do Minhocão que tão acontecendo, podem acontecer ou não, afetam as referências culturais da região. Então, a gente já começa a perceber um processo de gentrificação, não sei se você está acostumado ao termo. Que é basicamente uma pressão do setor imobiliário para mudar o tipo de pessoa que vive lá. Então, começa a ter lançamentos imobiliários, começa a mudar o perfil do comércio, esse tipo de coisa, para que gente com mais dinheiro, passe a morar lá. Existe essa pressão.

SM: Tão fazendo uma higienização.

J: Isso! é outro jeito de falar. Então, a gente tá vendo como é que isso afeta as referências e o eixo que eu participo é LGBT. Eu tô estudando é a montagem drag queen e também o banheiro da República e do Arouche que já não existe mais.

SM: Uhum.

J: Aí eu queria saber como é que você teve contato com o mundo drag queen? Eu soube que você tem uma drag, ou já teve? A Sheyla Müller.

SM: Na verdade, tudo começou através... eu sou do teatro, né? Eu trabalho com teatro, com circo desde [19]99. E a relação com essa personagem se deu a partir do próprio contato, em

shows, em casas noturnas gays. Foi aí que começou, que eu comecei a ter uma sensibilidade de enxergar a drag não só como o gay que se monta, coloca uma peruca, [mas] como uma personagem. Por conta do teatro, não sei, é, acho que sim. Foi a partir daí que eu comecei a ter esse contato maior. É justamente porque, é verdade, até bacana falar disso, porque eu sofri alguns... é... apontamentos por não ser uma drag queen conhecida de balada e... estar dando um curso para a formação dessa personagem. Isso foi 2010, né? Quando surgiu o curso. Mas é justamente por conta disso, por entender que a drag queen é uma personagem, né? E a criação dessa personagem é com a criação de qualquer outra dentro do teatro. Foi em 2010, simplificando foi em 2010 que eu comecei a ter esse contato maior com a drag, né? E aí até hoje através do curso, através dos meninos, com essa experiência, que o curso a metodologia dele é completamente de criação autoral de cada um. Então, eu trabalho com a personalidade de cada um, através de improvisação, de exercício de teatro, que a gente vai trabalhando o que cada um tem de bagagem humana e em cima disso tudo, de suas qualidades, de seus talentos e suas dificuldades, a gente vai criando essa personagem, tanto na parte de palco, de show até para a parte de maquiagem, né? Não existe uma maquiagem certa e uma maquiagem errada, existe uma maquiagem bem feita e a mal feita, né? Mas cada um cria de acordo com sua personalidade. Então, eu já pulei para a criação do curso, né?

J: Pode falar.

SM: É basicamente nisso, né? E desse tempo todo que o curso tá rolando, a experiência, a troca que eu tenho com os meninos, esses dias... mês passado eu fiz as contas de quantos que já passaram pelo curso, foram 120.

J: Nossa, bastante gente!

SM: É uma galera aqui de São Paulo, em Recife. Eu vou para Recife agora em novembro para dar o curso de novo no festival de cinema.

J: E quem participa?

SM: Público em geral. A gente acaba chamando atenção mais dos homossexuais, né? Mas desde lá do início, eu ponho: o curso é para atender homens e mulheres, héteros, homossexual, não tem extinção de nada. Justamente por entender que a drag é um personagem e qualquer um pode fazer essa personagem.

J: E você comentou de apontamentos que fizeram ao curso, quem fez? E o que se falava?

SM: Nunca foi diretamente para mim, né? Mas sempre por terceiros, né? Que vinham falar. Justamente por não ser uma drag... é basicamente isso: por não ser uma drag conhecida de balada e dar um curso de drag, né? Mas é porque na época a drag realmente era conhecida somente em balada, né? E aí tinha essa coisa de apadrinhamento, quem não sabia se montar começava a aprender com uma drag que já tinha uma carreira e aí era adotada como filha, né? Então, quando eu vim com isso, escancarando isso, né? Esse submundo... colocando para as pessoas realmente aprenderem e ter acesso a isso, sem essa coisa do apadrinhamento, eu acho que mexeu com muitas drags, até as drags... mais antigas, as que tem uma carreira. Eu não sei se eu cheguei para essas pessoas vista com uma ameaça, como 'quem é ele para dar um curso de drag?', sabe? Mas enfim, eu acho que apontamento

a gente encontra em qualquer setor da vida. Eu fui acreditando no meu objetivo, né? No que eu queria. E o resultado está aí, né?

J: E como é que você começou? Se ninguém te apadrinhou.

SM: Teatro.

J: Foi o teatro? Você conhecia o universo drag de balada? De televisão?

SM: Sim, na época que eu frequentava as baladas gays, eram muitas na verdade travesqueen, né? Que é mais travesti que se veste de drag, mas não tinha esse colorido da drag, essa essa coisa exagerada, porque... faz uma sobancelha e esconde a sobancelha, faz uma outra sobancelha, faz uma maquiagem mais colorida, pelo menos naquela época quando eu comecei o curso, era vista como uma caricata, né? Hoje não. Hoje essa imagem da drag ela é mais bem aceita, né? Por que? Porque por conta do RuPaul também, de outras ações de drag, mas hoje a drag é vista como uma personagem, né? Então, essa coisa da caricata, já não é mais visto como negativo, né?

J: Então, você identifica que antes quem estava no mundo drag tentava muito se aproximar de um ideal de feminino? De feminilidade? E hoje isso é menos forte, talvez?

SM: Acho que sim. Porque a drag, pelo menos para os meninos homossexuais, tem essa ligação muito forte com a orientação sexual, né? Com a identidade de gênero e a drag acaba que sendo uma válvula de manifesto, de escape, 'olha quem eu sou', né? Querer se mostrar mesmo, né? E o curso trabalha isso essa construção de personalidade através da Drag.

J: E Para onde o pessoal que faz o curso tem ido? Como eles têm continuado essa montagem?

SM: Então, a maioria aqui de São Paulo, alguns estão aí fazendo shows...

J: Em balada?

SM: Em balada, continuam se montando e isso é o mais gostoso, né? Porque assim, a gente acaba fazendo o curso e mantém contato com os meninos e pelas redes sociais e através das redes sociais que vou vendo por onde eles estão e é louco, porque eles estão fazendo show, estão se montando e é uma delícia saber disso. Não foi uma coisa momentânea, claro que tem os meninos que se quer uma coisa momentânea, mas em sua grande maioria eles estão seguindo aí, construindo essa história como drag, né?

J: É, mulheres também?

SM: Então, mulheres são poucas, né? Que tem essa 'vamos seguir uma carreira como mulher de drag'. Mas é, por exemplo, aqui no Cabaré, tem três mulheres que fizeram curso no Consolação e de uma certa forma tão seguindo uma carreira como drag, né? Estão em cartaz com espetáculo.

J: Uhum. Drag king tem também?

SM: No espetáculo não. Mas drag king tem.

J: Você trabalha no curso também com o conceito de drag king?

SM: Então, mas ninguém quer.

J: Ninguém quer.

SM: É a drag king é a mulher que se transveste de homem, né? É a mesma coisa só que do sexo masculino.

J: Uhum, entendi. Você comentou que por você ser um outsider digamos, você não poderia ensinar como ser drag, mas as drag que você ensina vão para boate...

SM: Sim.

J: ...Você acha que elas estão conseguindo formar uma outra estrutura, talvez, dentro do mundo drag? Como você consegue ver esse retorno, digamos assim?

SM: Eu acho que elas... pode ser que está construindo uma outra estrutura, mas eu acho que muito vai do tempo de agora, né? A galera de agora, os jovens de agora, eles são muito mais politizados, eles já vem com uma bagagem que a drag é um grande (...) A drag é só um motivo para que eles coloquem toda essa política que eles tem, esse manifesto que eles têm, para fora, mas eu me vejo como um... cutucador, né? Que só desperta o que cada um tem para ser dito através da drag. Claro que tem técnica no curso, a gente trabalha com improvisação, com técnica teatral, com dança, com maquiagem, mas o que segura mesmo a verdade de cada personagem, de cada menino que sai do curso é o que eles têm para falar com essa personagem.

J: Tem alguém trans no curso? Já passou alguém trans?

SM: Passou uma só em Santos, mas foi um workshop, foi uma coisa rápida, mas as trans elas não frequentam muito o curso, não, mais os meninos.

J: E é gente mais nova, no geral?

SM: Sim, é uma galera de 18 até... 18 até os 24 é a sua maioria, mas tem um pessoal que vai até os 35, 40.

J: Entendi. Essas botas que eles fazem show, são onde?

SM: São aqui em São Paulo. São no centro mesmo.

J: No centro a Danger, Freedom, Blue Space... você sabe quais são?

SM: É a que está rolando inclusive a Cover, né? Cover Girl que é uma balada mais conhecida para as drags.

J: Mais nova, né?

SM: É. Que é a que mais acolhe, né? As drags, os shows, tanto de quem já tem uma carreira, como de quem tá começando, eu acho que a Blue Space também já pegou algumas meninas que fizeram curso, mas não fui para fazer o show, foi um evento. Não sei se foi a Priscilla.

J: Pode ser.

SM: Mas eu não sei se foi na Blue Space, eu não sei qual é...

J: É que a Priscila é uma festa, né?

SM: É itinerante.

J: Que às vezes é na Blue Space, ou sempre, não sei. Mas é meio descolado assim.

SM: Sim. Mas a sua maioria é na Cover, que é aonde mais acolhe as drags.

J: Entendi. Bom então é isso, não vou te segurar mais, eu acho que... deixa eu acabar aqui.

Depois todos fomos à festa Cover Girl, algumas montadas pela primeira vez fora do circuito SESC. Abapurana, que não pude entrevistar, se considera parte de um coletivo, do "Cabaret".